



Saturação

Malvina do Amaral Dorneles

RESENHA CRÍTICA

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

Pode-se dizer que o politeísmo teórico que caracteriza a Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é referência da diversidade de pontos de vista que podem ser compartilhados numa instituição educativa e apresentam-se como múltiplos portais de mundos e possibilidades do conhecimento. Mostra uma vocação institucional de pensar, o fazer e o pensar, do fazer pedagógico em espaços escolares e não escolares referidos às complexidades do estar-junto nas diferentes dimensões que compõem as *socialidades* dos seres humanos. Uma incomensurável ancestralidade intelectual mostra-se e adquire carne e consubstancia-se nas mentes, nos corpos e nos espíritos daqueles que os estudam, os debatem, os acolhem, em seus estudos e pesquisas, em suas atitudes, em suas manifestações do viver e conviver. É nesse banquete pagão que Michel Maffesoli, nela presente em diversos estudos e pesquisas em educação, pode ser devidamente, e confortavelmente, apresentado.

Esse pensador francês é conhecido e respeitado pelos seus estudos sobre a Pós-Modernidade, o Imaginário, a Cultura, no contexto da Sociologia do Cotidiano, da qual pode ser considerado um dos maiores entre os seus fundadores. É professor da *Université de Paris-Descartes – Sorbonne*, secretário geral do *Centre de Recherche Sur L'Imaginaire*, vice-presidente do *Institut International de Sociologie (IIS)*, membro do *Institut Universitaire de France*

(IUF), autor de algumas dezenas de livros traduzidos em várias línguas, grande parte disponível na língua portuguesa.

Nesse cerimonial delicado, o de decifrar a dizibilidade de um livro, a publicação de 2010, pela Editora Iluminuras Ltda., de São Paulo, e o Observatório Itaú Cultural, traduzida por Ana Goldberger, pode encarnar um *apresentar-se* de Michel Maffesoli aos leitores iniciados e não iniciados. Intitulado *Saturação*, o livro junta dois textos, editados originalmente pela *CNRS Éditions*, na forma de dois livros, cada um com título próprio: *Apocalypse* e *Matrimoniun: pequeno tratado de ecosofia*. O primeiro foi publicado, também em 2010, pela Editora Sulina, de Porto Alegre, sob o título *Apocalypse: Opinião Pública e Opinião Publicada*. A iniciativa brasileira de reunir os textos foi acolhida pelo autor, que lhe conferiu o título *Saturação* e acrescentou um *Prefácio à Edição Brasileira*. Neste, explica o significado da palavra título: “[...] processo, quase químico, que dá conta da desestruturação de um dado corpo e que é seguida pela reestruturação desse corpo com os mesmos elementos daquilo que foi desconstruído [...] vida e morte ligadas numa combinação íntima e infinita” (Maffesoli, 2010, p. 12).

Autor polêmico, inovador, provocador, revolve com elegância a etimologia, adentra sem pudor pela semântica, criando neologismos instigantes, profundos, abissais, que compõem, com lirismo e leveza, uma cosmovisão paradoxal da tragédia de seres humanos *sem qualidades*, comuns, *ordinários*, que criam, pela ética da pertença, a estética do viver *societário*. Sua forma singular de pensar o Cotidiano, a Cultura, apresenta como fundamento uma disposição de ver o mundo *assim como ele é* e não a partir de um julgamento “daquilo que existe em função do que deveria ser” (p. 48). Sem ser otimista, mostra um olhar generoso, que aprecia o que está sendo vivido; que privilegia a dimensão trágica do dizer *sim à vida*, ao que existe, ao estar-junto ético-estético-afetual-emocional; que “substitui a perfeição pela completude” na “aceitação do claro-escuro da existência” (p. 63). Tudo isso num tempo paradoxal, desconcertante, *tribal*, em que os fenômenos para existir *precisam apresentar-se*, rompendo com as “costumeiras representações filosóficas” (p. 90). Daí a prevalência, nas suas obras, da *apresentação* das coisas sobre a sua representação, da sua *mostração* sobre a demonstração. No entanto, “[...] retornar ao simples, àquilo que é simplesmente a vida, necessita uma forma de conversão do espírito” (p. 97). Para Maffesoli, nada mais, nada menos, do que *deixar de odiar o presente*, abandonar o ressentimento, o desprezo e a hostilidade por aqueles que negam *este mundo*, por achá-lo imundo, infame, por recusá-lo assim como existe.

A palavra *Apocalypse*, de origem grega *kaliptô* (cobrir, encobrir, ocultar) e *apó* (descobrir, desvendar, revelar), toma o sentido de *revelação*. É esse entendimento que conduz todo o seu argumento. Ao afirmar que, “quando uma *civilização* já deu o melhor de si mesma, ela sente a necessidade de retornar a sua origem” e que, “invertida, ela se transforma em *cultura*” (p. 21), ele mostra o *design* da sua reflexão: é como se fosse um bordar em ponto cheio. Ao mesmo tempo em que introduz a agulha com linha (a da crítica) no tecido (quando, por exemplo, afirma (p. 14) que as “[...] fundações arquitetônicas do mundo ociden-

tal – Indivíduo, Razão, Economia, Progresso – estão saturadas”), puxa a mesma agulha com seu fio de linha, compondo uma trama, bordando o argumento para esse “misterioso ectoplasma que é a crise” (p. 21), apresentando um novo ponto de vista para *este* mundo que aí está. Crise esta que “[...] acontece nos momentos em que, em seguida a uma aceleração ou mesmo intensificação da energia, o corpo (físico, social, individual, místico) alcança seu apogeu”, e que, “por um curioso paradoxo, inverte-se em hipogeu”, ou seja, “retorno ao subterrâneo, retorno ao túmulo, símbolos de uma reconstrução futura” (p. 21). Por isso, “[...] nos períodos de mudança é urgente encontrar palavras, [...] que, pouco a pouco, (re)transformam-se em palavras fundadoras, ou seja, garantem a instalação do estar-junto que está emergindo” (p. 19).

Essa crise apocalíptica decorre da saturação de três dimensões sociopolíticas preciosas à Modernidade: a *opinião pública*, a *sociedade* e o *contrato social*. Para o autor, “[...] a economia da salvação, depois a economia *stricto sensu*, a história da salvação, depois a história consolidada em si mesma, terminando, nesse esquema, na primazia do Político” (p. 30), resultou numa *opinião pública* confundida com opinião publicada. Esta, “[...] não deixa de ser uma opinião, mas pretende ser um saber, uma competência, até mesmo uma ciência” (p. 20). Ao mesmo tempo, a *opinião pública*, enquanto tal, “tem consciência da sua fragilidade, de sua versatilidade, em suma, de sua humanidade” (p. 20). É uma nova *opinião pública* emergente, cuja vitalidade irreprimível *transfigura o político* através de uma *ética da estética*, onde “o jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos” (p. 28) constituem o *cimento coletivo*. A primazia da estética “é tão evidente que a própria política teatralizou-se” (p. 31).

Sua afirmação de que “a época trocou de pele” (p. 26) é uma provocação aos sistemas de interpretação, cujas evidências intelectuais se ressentem de saudades onipresentes, sejam as de um paraíso perdido, sejam as de um paraíso futuro. Para o autor, evidente é o fato de que o estar-junto em curso “neste mundo e não num outro porvir” (p. 23) não é mais o “[...] simples social de dominante racional, tendo por expressão o político e o econômico, mas sim uma *outra maneira* de estar junto, em que o imaginário, o onírico, o lúdico, justamente, ocupam um lugar primordial” (p. 27). A essa outra maneira de estar-junto denomina de *societal*, constituída pelas socialidades das *tribos* pós-modernas. Nestas, o predomínio do *presente*, *do instante*, tem pouco a ver com a ideologia moderna de projeto. O *presenteísmo* privilegia a estética, presta atenção ao *ethos* local, ao lugar. Pode ser “uma ética, às vezes imoral, que se manifesta nas inúmeras efervescências da vida social” (p. 25). Se a isso se acrescenta “[...] a tônica colocada no qualitativo, a recusa da pilhagem produtivista, a rebelião contra a devastação dos espíritos” (p. 29), esse estar-junto ético-político, inspira temor, engendra uma opinião publicada que estigmatiza, principalmente, as tribos dos bairros distantes e das diversas periferias urbanas.

As novas socialidades mostram realidades que obrigam a constatação da heterogeneidade, do politeísmo de valores, da “[...] reafirmação da diferença, dos diversos localismos, das especificidades das línguas e das culturas, das

reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, dos vários agrupamentos em torno de uma *origem* comum, real ou mitificada” (p. 38). É o *tempo das tribos*, que ocupam o espaço público e celebram um “vínculo social fundado na disparidade, no policulturalismo, na polissemia” (p. 39). Constituem uma *coerência aberta* que o termo medieval *unicidade* parece designar melhor, em lugar do ideal unitário e identitário em processo de saturação. Maffesoli as promove a um novo paradigma, caracterizado por um potente imanentismo, onde “o hedonismo, os prazeres do corpo, o jogo das aparências” constituem a aceitação de um mundo como ele é, “com tudo que isso comporta de trágico (*amor fati*), bem como de alegria” (p. 35). Nessa perspectiva, a política *transfigurada* se converte em *doméstica*, transforma-se em *ecologia*, designa o *domus*, o *oikos*, a “moradia comum que convém proteger da devastação a que fomos acostumados pela modernidade” (p. 36). Para o autor, um pensamento amplo, “que esteja à altura de apreender as novas configurações sociais”, exige que os intelectuais abduquem de “criar o mundo à imagem daquilo que se quer que ele seja” (p. 39).

A magnitude do que é proposto por Maffesoli é estonteante pelo paradoxo que compõe ao juntar a antiga noção de tribo com as mais diversas formas de solidariedades e sensibilidades emergentes, nelas incluindo todas as possibilidades apresentadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, as redes sociais, a vida *on-line*. Uma das suas definições para a pós-modernidade é a de que esta se constitui pela “sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico” (p. 40). Ao acompanhar a lógica argumentativa do autor, nem sempre fácil, pois se caracteriza por um pensamento em espiral (a espiralidade é uma característica do mundo vegetal, e também representa o elemento feminino), que foge da linearidade, chega-se ao âmago da sua disposição ético-político-afetual (mesmo não explicitada por ele como tal) para o que entende como sendo o estar-junto ético-político das socialidades presentes no mundo atual.

A exuberância dessas socialidades, que priorizam o sentimento de pertencer, a experiência vivida em comum, o enraizamento no aqui e agora, “[...] quer seja no território *stricto sensu*, quer nos territórios simbólicos que são os sites comunitários na Internet” (p. 53), acontece no contexto de múltiplas formas de *pacto tribal* (pacto ecológico, pacto governamental, pacto político, pacto afetivo, e tantos outros). Há a prevalência do envolvimento sobre o desenvolvimento: as tribos urbanas, “[...] com seus *piercings*, seus cabelos rebuscados e multicoloridos, com suas roupas em que o étnico disputa com o sofisticado” (p. 86), suas invenções de linguagem, sua abertura para o mundo anunciam um jogo de aparências, bem diferente da geração perdida ou cristalizada em devoções econômicas.

No entanto, enquanto “[...] a mãe terra, ‘*Gaia*’, recupera sua honra e a *lei dos irmãos*, feita de horizontalidade, tende a reencontrar alguma força e vigor” (p. 53), enquanto a verticalidade da “[...] lei do Pai, de um Deus único, ou do Estado onipotente, a do patriarcado e da predominância masculina, está superada” (p. 52), pergunta-se, então, onde está o consenso necessário a toda a vida em sociedade? Sua resposta é categórica: “[...] o consenso (*cum sensualis*) não se reduz à racionalidade, mas comporta uma forte carga emocional, [...] põe em jogo paixões e

afetos diversos” (p. 52). Daí ser significativo “o deslizar das palavras, do contrato ao pacto” (p. 53). Ao lembrar que o contrato social é “causa e efeito de um *estar-junto* puramente racional” (p. 46), o autor mostra seu desencanto e apresenta uma crítica implacável às elites intelectuais, constituídas de falsos professores e verdadeiros bandidos. Falsos professores porque “[...] aproveitando-se de sua posição – eles detêm o poder legítimo para dizer, publicar, escrever, agir, organizar – continuam a instilar e a pôr em prática as ideias de um mundo que acaba, cegos que são para o mundo que começa” (p. 46). Verdadeiros bandidos porque “[...] ao fazer isso, de uma maneira um tanto irresponsável, são eles que provocam as várias explosões, os comportamentos antissociais e as diversas formas de violência que pontuam a vida de nossas sociedades” (p. 47).

Maffesoli deixa claro que suas palavras não são mera provocação e que, tampouco, vê como sendo um paradoxo a *impertinência* de uma elite que se repete, que não encontra mais as palavras *pertinentes*, e mantém, impunemente, uma *ficção da representação* da realidade, através de teorias incendiárias, cuja defasagem não só envia alguns ao *front*, mas constitui “[...] o pavio curto da guerra civil latente que é um elemento notável da época” (p. 47). De maneira quase feroz, estilo incomum nos seus escritos, critica alguns métodos sociológicos voltados para a educação, principalmente aqueles presentes nas escolas de formação de professores, que, afirma, formam para o *totalitarismo* (ao julgar aquilo que existe em função do que gostariam que fosse), semeando o desprezo por este mundo e incitando, *a priori*, sempre dizer não ao que existe. Mesmo assim, apesar e para além, “o contracânone que opera no inconsciente coletivo” (p. 51) mantém-se como sensibilidade panteísta, a qual, no contexto de um pacto tribal, todos “[...] se dedicam a aproveitar como podem aquilo que se deixa ver e aquilo que se deixa viver” (p. 51). Eis aí um espetacular paradoxo, bem ao gosto e ao estilo do autor.

Como fundamento a esse contracânone, Maffesoli apresenta a noção de *invaginação do sentido*, para designar o retorno à natureza essencial das coisas, “ao nada fundador, ao vazio natural, ao dado protetor e matricial” (p. 107), característica também do *espírito do tempo*. Com o trocadilho (p. 59) “só tem sentido (significação) aquilo que tem um sentido (finalidade)”, define o ambiente específico da modernidade ocidental, em seu sentido etimológico, como *espermático*, projetivo, referendado em expressões filosóficas como *logos spermatikus*, *ratio seminalis*. Por outro lado, sua compreensão da metamorfose em curso pede um esclarecimento retrospectivo, um retroceder do derivado ao essencial, “[...] passar de um *progressismo* (que foi vigoroso, que deu bons resultados, mas que se torna um pouco doentio) para uma *progressividade* que reinveste em ‘arcaísmos’: povo, território, natureza, sentimentos, humores” (p. 62).

Ao citar uma inscrição que viu num muro de subúrbio, em Porto Alegre, Brasil – “*A crise passa. A vida continua*” (p. 61) – argumenta que “[...] o que está em jogo é uma forma de concordância com o ser do mundo em sua realidade múltipla” (p. 63). Não vê mais lugar para as quimeras relacionadas à noção de Progresso (e seu utilitarismo) com seu enfoque na imperfeição, alisando as dobras do ser, mas sim na

noção de *progressivo* que as implica e as aceita (a imperfeição e as dobras). Trata-se de “um sim, *apesar de tudo* àquilo que é” (p. 63). Uma aceitação, como atitude afirmativa, que confere, ao animal humano, a dimensão trágica de ser natureza.

Busca em Fernando Pessoa a definição de “*sociologia das profundezas*” para expressar, dar forma, “àquilo que, vindo de muito longe, fala através de nós” (p. 61), onde se encontra os arquétipos fundadores, sendo a “Grande Mãe, Terra Mãe, Gaia”, (p. 83) um deles. Esse seria o fundamento inconsciente da sensibilidade ecológica que, ao contrário do antropocentrismo, coloca em evidência *aquilo que no homem “ultrapassa o homem”* (p. 65); anuncia o *vigor* selvagem, ancestral, que “[...] reencontra uma nova vitalidade nas atividades dos jovens, nas multidões esportivas, nas histerias musicais e outras reuniões religiosas” (p. 64). Apresenta-se sob a forma de um paganismo contemporâneo que se expressa no sucesso dos produtos *bio*, *orgânicos*, e na intensificação de valores relacionados ao terreno, ao território, ao lugar, onde “o lugar faz a ligação” (p. 104). E que traz consigo o chamado a uma qualidade de vida, uma vida cotidiana onde o *bem-estar* nada significa diante do “*melhor-estar* existencial em que a Mãe-Natureza desempenha um papel não negligenciável” (p. 86).

É o retorno a uma *organicidade cósmica*, uma *geossociologia*, cujas *forças subterrâneas* constituem as “origens de todos os *adventos*” (p. 97), e compõem “[...] essa atitude *instituinte*, em estado nascente, que se pode qualificar de *holística*, termo utilizado por Durkheim para designar o aspecto global da vida social” (p. 99). Talvez, essa *lógica da conjunção*, da *copertença*, esse *matrimonium*, seja um conhecimento que renasce “como uma espécie de *ecosofia* que ainda não sabe como nomear-se” (p. 101), mas que se capilariza nas práticas da vida corrente, na moradia, na alimentação, na vestimenta, mesclando corpo e espírito. Para Maffesoli, “mais vividas do que pensadas” e “pouco reconhecidas pelas instituições sociais” (p. 102).

Recebido em março de 2011 e aprovado em junho de 2011.

Malvina do Amaral Dorneles é doutora em Ciências da Educação pela Universidad Católica de Córdoba. É professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Políticas e Gestão de Processos Educacionais e o Núcleo de Estudos da Educação e Gestão do Cuidado.

E-mail: malvina@edu.ufrgs.br